

MANI FESTOS



VERSÕES
EM REVISTA
Desde novembro
que a edição digital
da LER está disponível
em www.bertrand.pt
e www.wook.pt. Vire
a página conosco.

PERTO DO CÉU

ÁRVORES PARA ESCOLHER

Num país que detesta metodicamente as suas florestas, Bagão Félix escolhe-as para tema de um livro. São trinta, à escolha.

Basta ver que Portugal foi o país do Mediterrâneo onde mais floresta ardeu nos últimos 20 anos — o País, no mínimo, não liga às suas árvores e não protege as suas florestas. Por isso, o livro de António Bagão Félix (*Trinta Árvores em Discurso Direto*, Sextante, 272 págs., ilustrações de João Leal Pereira.) bem pode ser um guia de observação de árvores para os resistentes de hoje, identificando 30 espécies que podemos encontrar nos nossos bosques e jardins, com origens muito diversas e destinos naturalmente desconhecidos. Se quase todos sabem distinguir uma oliveira de um eucalipto ou de um cipreste (nunca fiando...), as dificuldades começam quando es-



colhemos um bordo (ou ácer, com a sua «folha canadiana»), uma robinia, um espinheiro-da-virginia, uma olaia ou a vastíssima araucária. O «discurso direto» de cada uma das árvores («sou uma espécie exclusivamente meridional», «não sou uma árvore muito reconhecida», «estou consciente de que sou uma árvore mal-amada», etc.) deixa sempre uma pista para a literatura, o cinema ou a pintura, numa prosa elegante e clássica, à maneira de Bagão Félix. Num país assim, 30 árvores são uma bênção para o olhar — ah, o livro inclui ainda uma lista das «árvores de interesse público» no nosso país, com a sua localização.



ÁLVARO MUTIS CORAÇÃO COLOMBIANO

No prefácio a *Os Versos do Navegante* (Assírio & Alvim, trad. Nuno Júdice, 204 págs.), Lauren Mendinueta relembra o amor de Álvaro Mutis por Portugal — «assinou vários dos seus escritos com o pseudónimo de Arvar de Mattos, diplomata português». É bom fazê-lo:



Mutis é mais conhecido entre nós como ficcionista, Prémio Cervantes e leitor de Pessoa (quem não é?) — por isso, a tradução da sua poesia por Júdice é sem dúvida um dos bons sinais da temporada: «Esta noite voltou a chover sobre os cafezais.» O resto é dispensável.

IRAQUE

ALIANÇA PARA A PERDIÇÃO

O apoio português à intervenção no Iraque e a realização da Cimeira das Lajes, que a anunciou, constituíram dois dos elementos mais fraturantes da política externa portuguesa dos últimos 30 anos — essa fratura ainda hoje persiste e dificilmente desaparecerá da vida portuguesa. Porém, ao contrário de outros países onde a discussão sobre o tema passou por investigações jornalísticas ou universitárias, e pela publicação de testemunhos dos protagonistas, em Portugal o assunto não passou das páginas de jornais ou de enquadramentos geoestratégicos a que o grande público não tem acesso.

Para contrariar esse silêncio, Bernardo Pires de Lima analisa, em *A Cimeira das Lajes — Portugal, Espanha e a Guerra do Iraque* (Tinta-da-china, 200 págs.), o processo que conduziu à escolha dos Açores para a realização da «cimeira da Guerra». Dez anos depois já é possível analisar o teatro de sombras e as conspirações de bastidores que levaram ao encontro — e começar a responder a uma pergunta essencial: «Por que constituiu o Iraque uma rutura no consenso da política externa portuguesa?» De caminho, Bernardo Pires de Lima retoma outras perplexidades a que 10 anos de distância não diminuem o impacto, e as tés mais importantes passam por perceber o que levou à escolha das Lajes como palco desse encontro, por que razão Jorge Sampaio não teve mais visibilidade nesse processo (como se o seu silêncio fosse uma espécie de compensação pela crescente influência do Presidente na política interna), e qual o papel que essa semana desempenhou, mais tarde, na escolha de Durão Barroso para presidir aos destinos da Comissão Europeia. O livro termina com este último problema, o que é particularmente importante sabendo o que sabemos hoje.